

Cruzeiro, esperança para os invasores, vira um pesadelo

31
DE 7 1988

Helena Cirineu

Depois de uma longa trajetória por diversas favelas da cidade, os invasores do Cruzeiro não têm qualquer perspectiva para 1988. A falta de uma política habitacional que solucione os seus problemas está deixando grande parte da população sem teto apreensiva. Muitas delas já receberam notificação para desocupar a área onde vivem e não têm para onde ir.

Desde que ocorreu o despejo dos invasores da 110 Norte, no dia 16 de agosto, que uma notificação da Secretaria de Viação e Obras para desocupação do lote é motivo de pânico. Muitos deixam o trabalho e ficam em casa se prevenindo contra uma operação de despejo. Sabem que não podem fazer nada, mas asseguram o direito de protestar.

No SIA

Nas imediações do Setor de Indústria e Abastecimento (Sia), Cruzeiro e Setor de Indústria Gráficas existem sete invasões além de várias famílias morando isoladamente. São mais de 20 mil famílias vivendo em condições precárias. Apesar das constantes notificações enviadas pela Secretaria de Viação e Obras, pedindo a desocupação das áreas, as invasões continuam crescendo. Só na invasão José Aparecido, no Cruzeiro, que contava com 100 famílias invasoras em 1986 tem, hoje, mais de 200.

Nas outras invasões, o nível de crescimento é o mesmo. Mas a chamada invasão José Aparecido é uma das mais novas e a que mais tem crescido ultimamente no DF. Uma das moradoras do local é Maria José Moreira Pinto, de 27 anos, casada e mãe de seis filhos. Ela e o marido são desempregados e estão nesta invasão há quatro meses.

A trajetória de Maria José iniciou aos sete anos de idade quando ela veio do Rio de Janeiro,

em 1957, acompanhando a mãe e o pai, que trabalhava em uma empresa de pavimentação, aqui em Brasília. Em 1972, o seu pai desapareceu e ela, juntamente com a mãe, passaram a viver de subemprego. Mas logo casou e passou a viver com o esposo na casa da mãe. Depois do terceiro filho, a situação ficou insustentável e Maria José teve que deixar a casa da mãe, no Gama.

Do Gama, ela foi para a invasão da Lagoinha, próximo à Petrobrás, no Setor de Cargas. Lá ela viveu seis meses e deu à luz ao seu quarto filho. De lá, a família mudou-se para a invasão do Setor de Indústrias Gráficas, onde permaneceram por dez meses. E, sonhando com uma vida melhor, Maria José foi com seu marido para Cristalina, a procura de ouro e diamante. Um ano e meio no garimpo, não encontraram nada «e o jeito foi voltar».

Quinto filho

Aqui, a família iniciou novamente a trajetória, se instalando, inicialmente, na invasão da L2 Norte, onde nasceu o quinto filho. Lá eles viveram três anos. Da L2 partiram para uma chácara, próximo da Papuda, onde ficaram quatro meses, «mas não deu certo», disse Maria José. Então voltaram e se instalaram no primeiro lote que encontraram, ou seja, no Lago Sul, no caminho da chácara onde estavam morando. Permaneceram no Lago Sul um ano e seis meses, tiveram o sexto filho e, logo após, foram expulsos por dois homens. «Eles chegaram dizendo que a área era do Banco do Brasil e que a gente teria que sair de lá dentro de 72 horas», relatou ela.

A família seguiu a peregrinação e novamente foi parar no setor gráfico, onde permaneceram por mais um ano e quatro meses. «Mas lá é muito bagunçado, tem muito maconheiro», disse Maria José.

Então partiu para a invasão José Aparecido. Ainda assim a insatisfação é muito grande. Sem água, energia e escola para os filhos, ela não soube definir até quando vai ficar no local. Em um cômodo de madeira, coberto por um plástico, a família se abriga sem qualquer condições de moradia.

Cada invasor tem sua história, mas a realidade é a mesma. A falta de um emprego fixo, aluguel caro e custo de vida alto, não oferece outra alternativa que não seja esta. Manoel Fernandes de Araújo, por exemplo, veio do Ceará com sua família, «porque aqui é melhor pra gente viver», disse ele. Mas chegando aqui em 1983, sem dinheiro e sem parentes, a primeira alternativa que surgiu foi a invasão da 909 Norte, próximo da Rodoferroviária, onde desembarcaram.

«Mas lá os vizinhos eram muito encrenqueiros», disse Manoel. Então partiu para a invasão José Aparecido. Embora já tenha recebido notificação para desocupar a área, até o momento ele não pensou em outras alternativas. Ao lado do seu barraco o invasor Severino Feitosa Filho terminava de dar os últimos retoques na sua nova moradia. Ele morava na Ceilândia de aluguel e, na segunda-feira última mudou-se para a invasão, fugindo do aluguel.

Paraíba

Severino Feitosa tem 68 anos e veio da Paraíba, com sua esposa, há três anos. «Eu ouvia dizer que, em Brasília, as pessoas viviam melhor», disse ele. E, apesar das dificuldades, ele ainda acredita nisso. «Aqui a gente ainda se ajeita e, lá na Paraíba, a gente só consegue alguma coisa quando chove». Com problemas cardíacos e trabalhando de guarda-noturno, ele falou que foi obrigado a invadir, «pois eu pagava aluguel e passava necessidade», concluiu.